



---

## FUNDAMENTOS BÍBLICOS DA MISSÃO SCALABRINIANA\*

*Ir. Elizangela chaves Dias, mscs*♦

Pergunta provocatória: Qual é a missão Scalabriniana, quem são seus sujeitos e quais são os seus destinatários?

### 1. Introdução

*“A terra é minha e vós sois hóspedes e migrantes de passagem!”  
(Lv 25,23).*

Essa passagem bíblica é um divisor de águas, ou se quisermos, uma reviravolta no modo de pensar o mundo, a migração e de consequência a missão scalabriniana. Muitas passagens bíblicas são transgressoras da normalidade, do simplesmente dado, daquilo que se toma por lógico e óbvio, chamando a uma mudança de paradigma. A questão é como está escrito e como se interpreta, como Jesus perguntou ao mestre da lei: “o que está escrito e como lê” (Lc 10,26). Não raramente o leitor atual se coloca diante do texto bíblico com aquilo que é e carrega consigo, suas concepções e suas categorias subjetivas, esperando que sua leitura confirme suas expectativas (fundamentalista e manipuladora), querendo garantir seus privilégios, segurança e estabilidade da vida na terra. Enquanto o texto nos recorda que somos seres de passagem, hóspedes nesta terra, migrantes por natureza.

Na vida social, o relacionamento com o outro é determinado pelas categorias do ambiente histórico-cultural de referência e pelo universo de valores coletivos e subjetivos que cada pessoa carrega consigo. Na sociedade atual multicultural, multiétnica e multireligiosa as relações intersubjetivas são fragmentadas ou determinadas por uma visão de mundo dividido em classes, ricos e pobres, estrangeiros (extracomunitários) e cidadãos, aqueles que contam e aqueles que não contam. Logo, nem sempre o outro é visto como outro de mim, como subjetividade ou sujeito de sua história, pois sua identidade pessoal é equiparada à sua nacionalidade, ao seu poder aquisitivo e ao seu status político-

---

\* Este texto se refere à apresentação, da autora, no Seminário “O rosto feminino do Carisma Scalabriniano”, realizado em 24 de abril de 2021, pela Plataforma Zoom, sob responsabilidade da Animação Geral do Apostolado MSCS, no âmbito do processo de atualização das Diretrizes Gerais do Apostolado das Irmãs Missionárias Scalabrinianas (MSCS).

♦ Religiosa da Congregação das Irmãs Missionárias de S. Carlos Borromeo – Scalabrinianas. Doutora em Teologia bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2016.2). Professora de Teologia bíblica na Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma e no Scalabrini International Migration Institute – Roma (SIMI), Itália.



social: o imigrante, o refugiado, o pobre, o venezuelano, o peruano, a brasileira, o africano. Deste modo, constantemente se constroem muros, seguindo a lógica da indiferença e da exclusão, a pessoa do outro vale o quanto é útil para mim.

As Sagradas Escrituras, no entanto, nos convidam a projetar um olhar de acordo com a lógica da vida, do Criador e da criação. Com maestria e sabedoria, pleno de onisciência, o narrador bíblico, como um verdadeiro mestre, desde o princípio introduz seus leitores na lógica da vida, que é movimento, é saída, é um constante êxodo. Sendo que o primeiro SER a sair de si, colocando-se em movimento foi Deus: “No princípio Deus criou” (Gn 1,1). Deus criou o universo, essa grande casa comum, para hospedar o ser humano, sua imagem e semelhança. No princípio foi de Deus a iniciativa de caminhar ao encontro do humano: “Ouviram o Senhor Deus, que ao entardecer passeava no jardim” (Gn 3,8). Deus que caminha ao encontro da humanidade é uma imagem que percorrerá toda a Bíblia.

Mais que um fator sócio, político ou econômico, na Bíblia o migrante e a migração são categorias teológicas, Deus se revela migrante com os migrantes, Deus dos migrantes, dos exilados e refugiados. Deus peregrino que caminha à frente para abrir caminho aos retornados. “Não deveis sair apressados, nem correr como quem foge, porque à vossa frente caminha o Senhor” (Is 52,12; 40,3-11). Deus itinerante, que habita numa tenda (2 Sm 7,6), que deixa o seu templo para ir ao encontro de seu povo no exílio (Ez 10,18-22; 11,22-25), a fim de reconduzi-lo à terra prometida, lugar propício para viver a aliança com Deus. No Novo Testamento, Jesus revela a profunda solidariedade de Deus para com os migrantes, assumindo Ele mesmo a identidade de migrante desde seu nascimento, forçado a refugiar-se no Egito, até a cruz, recebendo a condenação reservada aos estrangeiros, pois assim identificava: “eu era estrangeiro” (Mt 25,35).

A missão Scalabriniana, portanto, se fundamenta no valor inestimável da vida de cada ser humano de passagem sobre a terra: “A sua imagem e semelhança Deus os criou... macho e fêmea os criou...” (Gn 1,27), no amor preferencial de Deus pelos migrantes (Dt 10,17-19; Mt 25,35), na lógica da vida como movimento, saída, migração: “A terra é minha e vós sois para mim hóspedes, migrantes de passagem” (Lv 25,23) e na situação de vulnerabilidade em que se encontram os migrantes: “conheceis a vida de migrante, pois fostes migrante no Egito” (Ex 23,9). Neste sentido se apresenta alguns fundamentos bíblicos para a missão junto e com os migrantes.

## **2. Fundamentos bíblicos da missão junto aos migrantes**

**2.1 Acolhida:** A motivação mais antiga para acolher e proteger os imigrantes se encontra na memória histórica de um povo cuja migração faz parte de seu DNA, como reza o credo histórico “meu pai era um arameu errante” (Dt 26,5) e Davi no momento da consagração do templo: “sou migrante e peregrino



como todos os meus antepassados” (1Cr 29,15). Os patriarcas peregrinaram pela terra prometida, desceram ao Egito, sem possuir a propriedade de terra. A única porção de terra deixada em herança foi um campo com o sepulcro que Abraão comprou para sepultar Sara, na região do Hebron (Gn 23,20) e que se tornou um sepulcro de família, teologicamente interpretado como o cumprimento parcial da promessa, ou uma antecipação da posse de toda a terra, pois nesta porção de terra, o útero e a semente de Israel foram plantados para criar raízes (Gn 25,9; 35,29; 49,31; 50,13), crescer, frutificar, lançar novas sementes e se multiplicar, tomando posse da terra. Essa é uma imagem metafórica.

Outra motivação para a acolhida e a proteção dos migrantes na Bíblia, se encontra na memória histórica do antigo Israel de ter sido um povo migrante: “sabeis o que é ser migrante... porque fostes migrante no país do Egito” (Es 22,20; 23,9). A memória da migração é um elemento constituinte da identidade do povo de Deus e ao mesmo tempo um imperativo ético para não repetir com o migrante as mesmas injustiças e opressões a que foram submetidos os filhos de Israel quando se encontravam fora de sua “pátria”.<sup>1</sup>

Na mesma linha, o Código Deuterônômico (Dt 12-26) apresenta como motivação para a acolhida e proteção do migrante a dura experiência de escravidão em terra estrangeira: “Recorda que foste escravo no país do Egito e que o Senhor teu Deus te resgatou dali, por isso te comandou de fazer isso” (Dt 24,22), “não oprimir o migrante.... não tirar o seu manto...” (Dt 24,17; 27,19).

A experiência do desterro assírio (722 a.C) e babilônico (589 a.C) marcou profundamente a vida de Israel como exilado e deportado, por isso os textos da época do exílio mostram uma sensibilidade singular para o sofrimento do migrante e para o dever de acolhê-lo. Recordemos o salmo dos canais da Babilônia (Sl 136), onde com saudades de Sião, os exilados lamentam a impossibilidade de cantar o canto do Senhor em terra estrangeira. Recordemos o livro de Tobias, um judeu piedoso deportado a Nínive, que se mantém fiel a Deus na terra de seu desterro.

Diante deste cenário, não é estranho que ao regressar do exílio para a viver na terra prometida, se cultive uma sensibilidade para dar uma resposta generosa aos que agora se encontram como imigrantes na terra de Israel. A esse respeito, é possível individuar uma significativa literatura, na qual se promove uma perspectiva ecumênica e acolhedora, onde o migrante é visto como benção e possibilidade de salvação, ressaltando os livros de Rute, Jonas e Jó.

---

<sup>1</sup> Entre parênteses, porque embora Israel reivindique Canaã como sua terra de direito, na verdade, olhando bem para a história, nenhum dos antepassados de Israel nasceu na terra de Canaã, pois Abraão veio de Ur, quando Isaac nasceu Abraão não tinha propriedade de terra, os filhos de Jacó nasceram em Haram e as seguintes 10 gerações nasceram no Egito.



O livro de Rute, por exemplo, apresenta como modelo de virtude uma imigrante, mulher, moabita e viúva, que enfrentou a migração forçada pela fome e que acompanha sua sogra de retorno a Israel. Deus aparece de modo muito discreto neste livro, tudo é muito sensível, rico de elementos culturais e conhecimento do que é o humano. O cenário é a vida do campo, a colheita, a semente, os trabalhadores, as estratégias de Noemi seguida docilmente por Ruth. Essa estrangeira se converteu em modelo de mulher forte, fiel e de fé, a portadora da benção para a casa de Israel, entrando para a genealogia de Davi e de Jesus.

**2.2 Hospitalidade:** a acolhida e hospitalidade aos migrantes são critério de salvação, enquanto a falta de hospitalidade provoca o juízo de Deus, desde as primeiras páginas da Bíblia até o capítulo 25 de Mateus, onde se pronuncia a benção sobre quem promoveu a hospitalidade: “vinde benditos, porque eu era estrangeiro e me acolheste” (Mt 25,35), e o juízo contra quem nega hospitalidade ao migrante: “Era migrante e não me acolheste”. Há muitos relatos bíblicos que atestam as terríveis consequências decorrentes da negação da acolhida e hospitalidade aos imigrantes, como por exemplo, o caso de Sodoma e Gomorra (Gn 19), dos benjaminitas que violaram o protocolo da hospitalidade (Jz 19-20) e do Faraó do Egito, que tentou se apossar de Sara e foi ferido com grandes pragas (Gn 12,18). O imigrante é abençoado e protegido por Deus, violar sua dignidade e negar-lhe acolhida é um delito irreparável e provoca a sensibilidade e Deus, que não deixa passar em branco.

A hospitalidade cultivada por todos os povos do antigo oriente, à qual recorriam migrantes de passagem, comerciantes, nômades, oficiais de impérios, escravos refugiados etc, garantia ao viandante alojamento e sustento, de modo a assegurar ampla segurança de sua vida em regiões inóspitas, afim de manter a integridade do seu corpo por todo o tempo que precisasse da hospitalidade ou se demonstrasse digno. Não é de se admirar, portanto, que haja uma falta de regras sobre hospitalidade no Antigo Testamento. A hospitalidade era uma coisa natural, uma lei não escrita, que obedecia a princípios precisos. “Eu era um estrangeiro e sem-teto, e você me acolheu” (Mt 25,35) é uma das formulações do Novo Testamento que sintetiza uma realidade comum ao universo bíblico.

**2.3 Deus é o defensor do migrante: Deus ama o migrante** e expressa sem reservas em alto e bom tom a proibição de molestar e oprimir o imigrante, dizendo: “Se lhes oprimes, e eles clamarem a mim, Eu certamente atenderei ao seu clamor. Minha ira se acenderá e vos farei perecer por espada” (Ex 22,23). “Não oprimas um assalariado pobre, necessitado, seja ele um dos teus irmãos ou um migrante que mora em tua terra, em tua cidade. Tu lhe pagarás o salário de cada dia, antes que o sol se ponha, porque ele é pobre e disso depende sua vida. Desse modo ele não clamará ao Senhor contra ti, e em ti não haverá pecado” (Dt 24,24-25).



Deus ama o migrante: “Ele defende a causa do órfão e da viúva, mas ama o migrante, provendo-lhe alimento e vestimenta. Portanto, amareis o migrante, porque fostes imigrantes na terra do Egito” (Dt 10,18-19). Os migrantes são os prediletos de Deus e Deus é o refúgio dos migrantes.

A experiência da migração: “sabeis o que é ser migrante”; e a experiência do amor de Deus, que libertou seu povo quando de migrantes passaram a ser tratados como escravos, são duas motivações fundamentais para amar o migrante. No período da escravidão no Egito, Moisés experimenta que o Senhor é um Deus sensível à dor dos que caíram na escravidão (Ex 3,7). A experiência de escravidão é transformada pela ação libertadora de Deus e está institucionalmente ancorada, por assim dizer, na manifestação no Sinai. O novo povo da aliança passa a ser o modelo de um povo livre (Ex 20ss) em posse de uma terra doada, na qual também o “estrangeiro” tem direito à residência e plena cidadania, porque o Senhor é o guardião dos migrantes (Sl 146,9).

**2.4 Itinerância: saber-se de passagem** como consciência de que a vida na terra é temporária. Todo ser humano está de passagem na terra, como peregrino, itinerante, fazendo caminho de maturidade humana, espiritual e relacional. Deus disse: “A terra é minha e vocês são para mim imigrantes e hóspedes” (Lv 25,23b). A consciência dessa dimensão antropológica, enquanto *homo viator*, implica toda uma espiritualidade, presente nos salmos: “Ouve, Senhor, minha oração e atende a minha súplica; não ignores minhas lágrimas, pois diante de ti sou um migrante, como foram todos os meus antepassados” (Sl 39,12). O salmista sabe que Deus não resiste à súplica do imigrante e recorre a esta certeza para elevar suas súplicas a Deus, na certeza de que somos itinerantes neste mundo, não temos aqui nossa morada permanente, mas caminhamos para a pátria definitiva.

Paulo, em Ef 2,15-19, evidencia a força do cristianismo na integração e acolhida do diferente na comunidade, afirmando: “Agora vocês não são mais estranhos sem o direito de cidadania, mas concidadãos dos santos e parentes de Deus”. Mas, também o sentimento de ser cristão e de consequência estrangeiro é enfatizado em Hb 11,13-16; 1 Pd 2,11: “amados, exorto-vos como a peregrinos e estrangeiros”. Neste mesmo sentido, se expressa a carta aos Filipenses ao afirmar que “nossa pátria está no céu” (Fl 3,20); faz um apelo direto à solidariedade e à sensibilidade para com os migrantes, porque a fé deve nos tornar conscientes de que esta vida é uma passagem, uma peregrinação, e que o ser humano é por natureza itinerante e está a caminho de sua meta última.

**2.5 Comunhão na diversidade:** expressão do caráter inclusivo da missão de Jesus no anúncio de sua boa nova do Reino. Neste sentido, resulta muito iluminante em relação aos imigrantes e refugiados o que disse Paulo aos Gálatas: “Não há judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher, porque todos vós



sois um em Jesus” (Gl 3,28) e aos Colossenses: “nessa nova ordem de vida, não há mais diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cidadão, escravo ou livre, mas Cristo é tudo em todos!” (Col 3,11). A carta aos Efésios se dirige aos gregos e romanos que foram acolhidos na comunidade cristã, inicialmente composta somente de judeus, a estes Paulo diz: “Já não sois migrantes nem hospedes, mas concidadãos do povo de Deus!” (Ef 2,19), e aos Filipenses Paulo afirma que nossa verdadeira cidadania está no céu (Flp 3,20). Essas cartas paulinas nos ajudam a compreender o sentido mais verdadeiro e as implicações da mensagem de Cristo num mundo multicultural, multiétnico e multireligioso.

Ainda nesta perspectiva da comunhão na diversidade, o Conselho de Jerusalém foi um significativo evento de abertura à diversidade e à universalidade, própria dos catolicismos (Gl 2,11-16), porque soube resolver um conflito fundamental entre a comunidade dos cristãos provenientes do judaísmo e aqueles provenientes de outras crenças, tradições e nacionalidades. O motivo dos conflitos era atribuído ao influxo de migrantes, conversão de pessoas de credos, cultura, língua e origem diversas dos judeus. Paulo, diferente dos conservadores, exprime sua admiração e apreço pela promessa de salvação dirigida a toda humanidade e exorta os cristãos de origem judaica a não recorrer aos próprios privilégios, fazendo os demais sentirem-se como se não tivessem mérito algum. Em Cristo, há comunhão na diversidade, porque n’Ele todos formamos um único corpo.

### **Conclusão**

A missão Scalabriniana tem seus fundamentos na Revelação de Deus, em sua Palavra e na encarnação de Cristo, que se fez migrante. É linda a expressão de João para dizer que o verbo se fez carne. Literalmente, se traduziria: “O verbo se fez carne e armou a sua tenda entre nós” (Jo 1,14). Nossa missão se inspira no profundo amor de Deus, pai e protetor dos migrantes, tendo Cristo como modelo de enviado a proclamar a salvação universal e seu divino Espírito como centro propulsor de toda ação criativa junto e com os migrantes e refugiados. A exemplo do Mestre, a missão Scalabriniana deve “romper os muros que dividem”, pois em Cristo a diversidade gera comunhão. O primado do protagonismo na missão Scalabriniana deve ser atribuído aos migrantes, são eles que nos formam e nos aperfeiçoam na missão. A nós cabe colocarmos sempre em evidência a riqueza da diversidade cultural para a conformação de uma Igreja “comunidade de pessoas de vários povos e nações”. Para nós o migrante é portador de benção, pré-anúncio de novos céus e terra nova.

Considerar-nos e sentir-nos todos “estrangeiros” ajudaria a compreender o outro na totalidade e na complexidade da sua pessoa, sem reduzi-lo aos problemas que lhe são atribuídos. Hoje, nosso maior desafio é articular verdade



e alteridade no sentido de comunhão, escuta e encontro intercultural, não exclusão, arrogância e autossuficiência.

Roma, 30.04.2021.